



CIDADE: LUGAR DE MEMÓRIA E AMNÉSIA

TATIANA CARRILHO PASTORINI TORRES¹
ORIENTADORA MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹ Universidade Federal de Pelotas – tatypastorini@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa que se encontra em desenvolvimento no Doutorado, a qual se ocupa da análise das relações entre memória e história no entretecimento da cidade de Pedro Osório, RS, outrora denominada Olimpo. Essa etapa inicial da pesquisa se ocupa das discussões teóricas que envolvem a construção dos conceitos a partir de autores que discutem os conceitos de cidade, memória, história, imaginário, representação, identidade e pertencimento. Também aborda as vivências e representações construídas a partir das sinapses dos habitantes da cidade, que por sua vez, é espaço de problematização entre memória e história. Cenário que perpetua o conflito entre *Cronos* (tempo), *Mnemosyne* (memória) e *Clio* (história). A tríade que luta entre si pelo direito de memória, esquecimento e verdade, atravessada pelas temporalidades que envolvem a cidade.

Os diferentes discursos que narram a cidade são influenciados pelas relações estabelecidas com o tempo, moldadas pelas suas variações com os lugares e as épocas. De acordo com RICOEUR (2018, p. 159), “uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais”. Sua constituição é feita por escritas da memória sobre o espaço, cujos lugares são preservados ou destruídos de forma seletiva conforme o contexto vigente (POSSAMAI, 2010). Diante da passagem inexorável do tempo, pessoas e “suas coisas” (cultura material) deixam de existir e o que resta é informações fragmentadas nas mais diversas fontes ao longo do tempo, entre elas a memória. Cabe à história denunciar e investigar o que foi apresentado ou ignorado pela memória. Esse debate é feito por MOTTA (2012, p. 25-26) que também ressalta “o perigo de o historiador incauto apenas restaurar memórias” e legitimá-las como história.

No que se refere ao Olimpo, objeto do presente estudo, seus traçados são moldados pelas vivências, rupturas e continuidades na terra do “pira-tininga”¹, ao qual é atribuído valor afetivo de vida, morte e respeito. Lugar onde as ruínas de pedra são “testemunhas silenciosas” das recorrentes cheias do rio e o apito do trem movimenta as memórias carregadas ou geracionadas por lembranças e esquecimentos de outra época. Essa etapa tem por finalidade analisar as percepções individuais do espaço habitado, a construção de memórias, representações, imaginário e suas relações com a história local, ainda pouco explorada. Entre algumas pesquisas pontuais, relatos escritos como “Rebelião das águas” (VACARIA, 1960), “Guerra silenciosa (MAGALHÃES, 1992) e a

¹ Do guarani *pira*: peixe, *tininga*: seca ou secando. Essa expressão era “usada pelos índios para indicar determinados rios que, após as cheias deitavam fora nas areias e barrancas muitos peixes que ficavam secando ao sol” (CALDAS, 1990, p.18).



produção memorialista “Raízes da nossa história” (BENTO, 2005), o livro “Pedro Osório, sim senhor! (CALDAS, 1990) é a obra de maior referência sobre a cidade.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta etapa da pesquisa consiste em realizar entrevistas com moradores de Pedro Osório, a fim de registrar suas vivências e sinapses² no cotidiano da cidade. Essas narrativas representam grande relevância, uma vez que “contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória” (DELGADO, 2009, p.22). Sendo assim, a proposta inicial abrangeia diferentes faixas etárias e segmentos sociais, cujas entrevistas seriam registradas em vídeo.

No entanto, diante do atual contexto de pandemia que vivenciamos desde o começo do estudo, diversas adaptações foram necessárias. O primeiro contato foi realizado por meio de uma coleta de dados a partir de um questionário estruturado na ferramenta do Google Forms. O aplicativo possibilitou “praticidade no processo de coleta das informações” (MOTA, 2019, p. 373), mas apresentou algumas limitações, tais como faixa etária e dificuldade de acesso por determinadas pessoas. No entanto, os resultados obtidos até o momento foram satisfatórios e, quando a condição sanitária permitir, serão complementados com as entrevistas presenciais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra na fase inicial de coleta de dados e análise das fontes orais. As questões elaboradas no Google Forms procuraram explorar as sinapses relacionadas ao pertencimento, no qual a memória propicia o “fortalecimento da noção de continuidade que permite a sensação de estar ligado” (MELLO, 2016, p. 236) e as percepções individuais sobre a cidade. Uma das questões versava sobre como o (a) entrevistado (a) costumava se referir à cidade, pois é comum falar ou marcar nas redes sociais o antigo nome Olimpo. Boa parte das respostas evidenciou maior identificação com o nome anterior e a justificativa se dava por questões afetivas, tal como a de Marcelo (46 anos), ao mencionar que “o nome Olimpo remete ao passado e evoca a época dos trens e da estação ferroviária”; ou ainda, pela ausência de identificação local com a figura do Coronel Pedro Osório, tal como evidenciam os dois depoimentos abaixo:

“Particularmente, acho mais legal dizer que moro em ‘Olimpo’, um ‘Paraíso’, espaço de deuses versus dizer que moro em Pedro Osório - enaltecedo uma pessoa a qual não me identifico” (Augusto, 26 anos).

“Olimpo porque representa a mitología, os sonhos, lendas... carrega um tom poético, imaginário e místico. Muito mais que Pedro Osório, um mortal (diferente dos deuses do Olimpo), um homem que, aliás, nunca morou nesta cidade” (Auta, 50 anos).

² Segundo IZQUIERDO (2007), sinapses são conexões entre as células nervosas, estimuladas pela repetição ou comprometimento emocional com a finalidade de construir as memórias. Seu uso e desuso resultam nas lembranças e esquecimentos.



Um dos pontos mais marcantes nas vivências locais foram as memórias relacionadas ao Rio Piratini como “símbolo de força devastadora e também de renovação/construção” (Chaiane, 39 anos); “um rio maravilhoso e às vezes ‘rebelde’ que traz um aspecto singular ao município” (Ronie, 53 anos). Demonstram como as “memórias” e “histórias” dos flagelos são parte da roda de chimarrão e os “olheiros de enchente” se tornaram os guardiões da noite³. Por outro lado, muitos participantes mencionaram a representatividade do trem como progresso da cidade ou o desejo de preservação dos vestígios materiais ligados à expansão ferroviária. Mesmo aqueles que não vivenciaram o auge ferroviário, demonstraram uma perspectiva geracional da memória. Tal como o relato a seguir:

“Compartilho de uma memória coletiva familiar um tanto saudosista quanto a um passado (eu nunca soube exatamente quando) onde havia trens de passageiros e a ferrovia ainda prosperava. Muitas vezes ouvi minha família contar histórias dos trens, da Estação Ferroviária, da Cooperativa, de como a cidade era ponto turístico e havia mais hotéis e até um cinema em Pedro Osório. Por isso, cresci com a percepção de que a “era dourada” da cidade já havia passado” (Lucas, 22 anos).

As relações de pertencimento também aparecem nas percepções gerais sobre a cidade pelo olhar do (a) entrevistado (a). Expressões como “minha terra”, “meu chão”, “meu torrão” foram recorrentes nas respostas. Falam sobre ser uma cidade acolhedora e repleta de “conexões com o passado e presente [...] cheia de história e de pessoas que sabem contar história, que conseguem te inserir dentro de um contexto sem você ter vivenciado aquilo” (Amália, 21 anos); “cidade hospitaleira e de um povo forte, aguerrido que soube refazer a sua história” (Elyane, 65 anos). No entanto, apesar dos olhares carregados de afeto e saudosismo, as respostas também trouxeram uma visão crítica e apontaram outras questões e conflitos que serão analisados ao longo da pesquisa. Esse é o caso do relato de Emanuel (24 anos) ao dizer que a cidade apresenta uma “melancolia particular” e “uma riqueza cultural muito grande. Conservadora e não reconhece o racismo estrutural que existe”. Posteriormente, os relatos serão analisados em conjunto com outras fontes que darão apporte para delinear os traçados do Olimpo.

4. CONCLUSÕES

Localidades afetadas por sucessivas enchentes costumam perder seus referenciais e precisam não apenas se reconstruir, mas também buscar sua identificação, valorização e pertencimento. Novos traçados são definidos entre lembranças e esquecimentos moldados pelas memórias que muitas vezes são legitimadas como história. Olimpo, homônima da morada dos deuses gregos, é mais um desses lugares, muitas vezes, perdidos no jogo entre a memória e a história. Onde, os diferentes discursos que narram a cidade são influenciados pelas relações estabelecidas com o tempo, moldadas pelas suas variações com os lugares e as épocas. Sendo assim, as narrativas mnemônicas são de considerável pertinência na identificação do fio invisível que define o traçado da cidade.

³ Pessoas da comunidade que se ocupam em observar o crescimento das águas durante as chuvas torrenciais.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Genes Leão. Raízes de Nossa História. Pelotas: Stillus, 2005.

CALDAS, Pedro. **Pedro Osório, sim senhor!**: retrato de um município gaúcho. Pelotas: Satya, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, n.6, p. 9-25, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em 28 jul. 2021.

IZQUIERDO, Iván. A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimentos. 3. Rio de janeiro: Vieira&Lent, 2007.

MAGALHÃES, Manuel Luiz. *Guerra silenciosa*: crônica da enchente. Pedro Osório [s. n.], 1992.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.8, n.19, p. 236-256, set/dez 2016.

MOTA, Janice da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades&Inovação**. Palmas, v.6, n.12,p. 371-380, ago 2019.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memoria e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio e Janeiro: Elsevier: 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: _____ (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. 7. Campinas: Unicamp, 2018.

VACARIA, Frei Cristóvão de. Rebelião das águas em Pedro Osório(ex-Olimpo e Cerrito). Porto Alegre: Tipografia Champagnat, 1960.